

## AUTORIA E LEITURA: NAS TEIAS DO DISCURSO VIRTUAL

O discurso, objeto de estudo da AD, é considerado, seguindo o pensamento de Pêcheux (1969/1975), não como transmissão de informação, mas como *efeito de sentidos entre interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral*. Falar em discurso, significa reportar-se a um dos aspectos materiais da ideologia, pois é nele que língua e ideologia se encontram. Em AD, o que interessa é compreender como um discurso funciona e, ao funcionar de uma maneira e não de outra, que efeitos de sentido produz.

Considerando que não existe prática sem sujeito e, uma vez que os indivíduos agem sempre na forma de sujeitos como sujeitos, refletir sobre a prática discursiva levará necessariamente à questão do efeito do complexo das formações discursivas (o interdiscurso) na forma-sujeito. Não se trata, no entanto, de dizer que uma prática discursiva seja a prática de sujeitos, mas sim de constatar que todo o sujeito é constitutivamente colocado como autor e responsável por seus atos em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo de formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em “sujeito responsável”.

Desta forma, propomos a discussão em relação à noção de sujeito-autor e leitor excursionando por um dos fenômenos que mais tem chamado a atenção neste momento da história da Internet é, justamente, o fenômeno dos weblogs. Inicialmente classificados como diários virtuais, eles têm recebido as mais variadas atenções. O aparecimento dos weblogs é relativamente recente. De acordo com Rebeca Blood (2002, online e 2003), a idéia de weblog websites “pessoais” ou “temáticos” que são constantemente atualizados), remonta ao início de 1999, quando começaram a aparecer os primeiros blogs. Eles se caracterizam, principalmente, pela forma, baseada em micro conteúdo, se organizam cronologicamente e passam por atualizações freqüentes. Os blogs são herdeiros das páginas pessoais, com mais dinamismo e mutabilidade. Os blogueiros escrevem sobre os assuntos que mais lhes agradam, podendo um blog versar sobre, praticamente, qualquer coisa. Além disso, muitos blogs contam com uma

ferramenta que permite aos leitores manifestarem-se através de comentários. Enquanto no blog apenas o blogueiro pode manifestar-se, na ferramenta de comentários qualquer leitor pode discutir ou argumentar sobre o texto. Uma outra ferramenta importante é o *trackback*, que permite que um determinado assunto discutido em um post (bloco de texto) e que também está sendo discutido em outros blogs, possa ser referenciado.

Em cada blog é comum encontrarmos uma lista de outros blogs que o blogueiro lê e recomenda a leitura. Quase como uma “vizinhança” no ciberespaço, conforme afirma Recuero (2003). Além disso, a ferramenta de comentários permite que o weblog seja um espaço de discussão, de interação mútua, capaz de gerar laços sociais e, também, comunidades, são os denominados *webrings*: “utilizamos o termo *webring* para definir círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente e interagem nesses blogs através de ferramentas de comentários”. Os blogs são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos posts que os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos blogs. Os comentários tornam aquilo que seria um bloco de texto estático em um conjunto dinâmico de interação. A realidade é que a ferramenta proporciona um fórum um espaço de manifestação democrática. E muitas dessas ferramentas de comentários proporcionam também que os comentaristas acrescentem links aos seus comentários, configurando assim, uma grande rede de hipertexto. É o conjunto dessas características e ferramentas que faz dos blogs um objeto de pesquisa rico para a Análise do Discurso, e em especial às noções de autoria e leitura.

Um texto produzido sobre tais perspectivas tem como produtor um sujeito interpelado ideologicamente e identificado com uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva, ou seja, produz seu texto a partir de um lugar social e com isso exerce a função enunciativa de autor. De acordo com Indursky (2001, p. 30-31) esse sujeito-autor mobiliza diferentes relações com a exterioridade, mobiliza vários recortes textuais relacionados a diferentes redes discursivas e diferentes subjetividades e os organiza, dando-

lhes a configuração de um texto uno e significativo. Ou seja, o sujeito-autor, ao reunir e organizar os recortes heterogêneos e dispersos provenientes do exterior, produz a textualização desses elementos que, ao serem aí recontextualizados, se naturalizam “apagando” as marcas de sua procedência, exterioridade, heterogeneidade e dispersão, e com isso o que se torna perceptível é uma superfície textual plana, lisa e uniforme.

Orlandi retomando as reflexões de Foucault sobre o autor, diz que essa noção já é uma função da noção de sujeito, e portanto, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto produzindo o efeito de continuidade do sujeito. Para a AD a função-autor “se realiza toda vez que o produtor da linguagem se apresenta na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição” (ORLANDI, 1996, p. 69). A partir dessa afirmação pode-se pensar o autor também como o lugar em que se constrói a unidade do sujeito, revelando assim, uma das dimensões da interpelação do indivíduo em sujeito, interpelação esta que traz consigo a aparência de unidade que a dispersão<sup>1</sup> toma.

Gallo, em *Discurso da escrita e ensino* (1992, p.58), pensa a função-autor concretizada ao se dar o fecho a um texto, ao se colocar o ponto final.

A assunção de autoria pelo sujeito, ou seja, a elaboração da função-autor consiste, em última análise, na assunção da “construção” de um “sentido” e de um “fecho” organizadores de todo o texto. Esse “fecho”, apesar de ser entre tantos outros possíveis produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível. Ou seja, esse “fecho” torna-se “fim” por um efeito que faz parecer “único” o que é “múltiplo”; transparente o que é “ambíguo”.

Levando estas considerações para o foco de análise do weblog, pensar o fecho de um texto não é tão simples. O que seria o fim de um texto quando se pensa o campo da Internet, em especial, o blog? Afinal o texto empiricamente apresenta uma estrutura visível com começo, meio e fim, mas no momento em que se coloca um *link* e este texto deixa de ser único e passa a se inter-relacionar com outros textos, tornando-se um hipertexto, quem coloca este ponto final (mesmo que imaginário) não é mais o autor em si, mas o leitor, e com isso,

---

<sup>1</sup> O discurso é caracterizado pela dispersão: dos textos e do sujeito. Dispersão de texto por este ser sempre atravessado por várias posições do sujeito. Dispersão do sujeito por este ser descontinuidade.

frente a perspectiva de Gallo de que o autor é quem dá este efeito de “fecho” nos deparamos no hipertexto com a função-autor/leitor.

Com relação à prática de leitura, esta, em um primeiro momento, irá se voltar para a desestabilização do efeito-texto produzido pelo sujeito-autor. Em um segundo momento, a função imposta ao leitor é a de reconstrução textual que se efetiva ao preencher as lacunas produzidas por sua prática discursiva. Sintetizando: ao mesmo tempo em que o sujeito-leitor desconstrói o efeito-texto produzindo certas lacunas em sua estruturação, resultado do atravessamento da interdiscursividade, ele também reconstrói o texto preenchendo estas lacunas a partir de sua história particular de leituras que é acionada pela memória discursiva. Desse trabalho de desconstrução/reestruturação o texto é resignificado e se reconstrói um novo efeito-texto. Assim, deste processo podemos considerar o sujeito-leitor como um sujeito-autor, pois assume, no momento da reconstrução textual, a função de organizar as diferentes vozes anônimas da interdiscursividade que se fazem presença constante na prática de leitura, e recaindo, assim como o autor, na ilusão do sentido único e na homogeneidade textual. Quando na realidade o que temos é um hipertexto constituído de vários efeitos de sentido.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BLOOD, Rebecca. *The Weblog Handbook*. Cambridge, MA: Perseus Publishing, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Weblogs: A History and Perspective*. Disponível em: <[http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html)> (01/08/2002)
- GALLO, Solange. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. EDUCAT – Pelotas, 2001.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996
- PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique do discours* Análise automática do discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique do discours*, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.] Campinas: Unicamp, 1988. Tradução de: *Lês vérités de la Palice*, 1975.
- RECUERO, Raquel da C. *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*. Revista 404notfound - Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa. Edição 31, agosto de 2003. Disponível em <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notfound/404\\_31.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404notfound/404_31.htm)>